

## PENSADORAS NEGRAS BRASILEIRAS: contribuições para a produção de um conhecimento antirracista na educação profissional e tecnológica do Maranhão

Rosângela de Sousa Veras <sup>1</sup>

### RESUMO

Optar por uma educação que questiona o racismo e o patriarcado da sociedade brasileira é um posicionamento político, é posicionar-se contra processos de opressão, cultura da colonização e discriminação pessoas negras, de mulheres e dos seus saberes. Parte dessa opção é disputar com currículos conservadores que não reconhecem ou não valorizam a diversidade sociocultural do povo brasileiro. Partindo desse pressuposto, como professora de sociologia, juntamente com um grupo de professores e professoras das ciências humanas e sociais em um projeto interdisciplinar, inclui a produção intelectual de autoras negras brasileira, como Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Carolina Maria de Jesus e Maria Firmina dos Reis nas práticas educativas desta disciplina da educação profissional e tecnológica do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA), Campus São Luís-Monte Castelo. O intuito foi contribuir com uma educação antirracista e com a compreensão das relações étnico-raciais brasileiras a partir das categorias *racismo*, *sexismo*, *quilombo*, *território*, *favela*, *discriminação etc.* trabalhadas por estas autoras em suas obras. Maria Firmina dos Reis, maranhense e primeira mulher negra brasileira romancista do século XIX, expôs os maus tratos da escravização no país. Lélia Gonzalez utilizou a ironia para se referir a expressões racistas e denunciar a forma como pessoas brancas pensam sobre pessoas negras e assim criticar as teorias clássicas do pensamento social brasileiro produzidas sem a participação de pessoas negras e, o exemplo, das outras autoras negras apresentadas a partir de um lugar de posituação. Apresentar a perspectiva das próprias mulheres negras proporcionou o acesso a saberes não colonizados ajudando os educandos e as educandas a desenvolverem outros olhares sobre experiências de mulheres negras como produtoras de conhecimento, e não como mero objeto de conhecimento como foram expostas nas teorias do darwinismo social do século XIX. Essa contribuição educativa auxiliou na desconstrução de representações essencialistas, sexistas e racistas, principalmente em relação às mulheres negra, uma ajuda para reverter o quadro de reprodução das opressões estruturais brasileiras.

**Palavras-chave:** Pensadoras Negras Brasileiras, Educação Antirracista, Relações Étnico-Raciais.

---

<sup>1</sup> Professora de Sociologia do IFMA Campus São Luís Monte Castelo, Graduada e Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão. Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, [rosangelaveras@ifma.edu.br](mailto:rosangelaveras@ifma.edu.br)

## INTRODUÇÃO

Este artigo explora como a produção de pensadoras negras brasileiras pode contribuir para uma educação antirracista no Maranhão. Na prática, é resultado das experiências desenvolvidas na execução de um projeto interdisciplinar em consonância com iniciativas pedagógicas de formação no âmbito das ciências humanas e sociais e visando, não apenas a sua consolidação na educação básica e profissional, mas também contribuir para uma formação integrada, crítica e emancipatório. Nestes termos, um grupo de professores e professoras desenvolveram o projeto integrador intitulado “Sábado com humanas” no Instituto Federal do Maranhão (IFMA), Campus São Luís Monte Castelo.

O projeto foi executado a partir do ano de 2023 em três semestres, aos sábados letivos, no turno matutino, único momento em que esses professores e professoras das disciplinas: sociologia, história, filosofia e arte puderam, juntamente com seus alunos e alunas trabalhar de maneira integrada as temáticas: “Direitos humanos e Meio ambiente”, “Democracia e liberdade de expressão no Brasil” e “Brasil, que país é Esse?”.

O desenvolvimento dessas temáticas foi orientado por saberes que problematizam e criticam a centralidade dos conhecimentos eurocêntrico e androcêntrico. Importa dizer que no decorrer deste texto, apresento basicamente as minhas experiências e atuações durante o semestre em que se pensou sobre o Brasil e porque o racismo persiste em nossa sociedade. Partindo do princípio de que existe e persiste o racismo em nosso país, optamos em trabalhar por meio de uma educação que descoloniza saberes, é antirracista e apresentar aos alunos e alunas os pensadores e as pensadoras que se dedicaram à análise das relações étnico-raciais do povo brasileiro a partir de um lugar subalternizado e contra-hegemônico. Foi nesse contexto que expus e problematizei juntamente com os alunos e alunas o pensamento das intelectuais negras: Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Carolina Maria de Jesus e Maria Firmina dos Reis.

Sobre o pensamento de Lélia Gonzalez, trabalhamos juntamente com a professora de arte, uma dramatização da epígrafe do artigo “Racismo e sexismo na cultura brasileira” publicado no ano de 1984, com o intuito de reconhecer o racismo exposto pela autora e as intersecções com o sexismo em torno da mulher negra. Com Beatriz Nascimento trabalhamos o filme, por ela narrado, produzido em 1989, “Orí”. O filme proporcionou discutirmos que os corpos pretos e negros que se deslocaram entre os dois continentes trouxeram seus saberes, culturas e religiosidades. O filme e o pensamento de Beatriz, também, foram usados para entender a perspectiva de quilombo da autora, como um

conceito em movimento e que as pessoas afrodescendentes carregam o quilombo em seus corpos. Já com a romancista maranhense do século XIX, Maria Firmina dos Reis, trabalhamos a sua trajetória de vida como referência para enfatizarmos a mulher negra como produtora de conhecimento, assim, também o fizemos com o pensamento de Carolina Maria de Jesus, uma catadora de papel, que na década de 1950, em seus escritos apresentou uma análise social do Brasil, pelo olhar dentro de uma moradora da favela.

## **METODOLOGIA**

Descolonizar saberes e trabalhar com o saber interseccionalizado (a classe, a etnia e o gênero) das mulheres é disputar com currículos conservadores que não reconhecem ou não valorizam a diversidade sociocultural do povo brasileiro, é ajudar a conduzir os alunos e alunas pelo caminho do reconhecimento, da crítica, da mitigação e, contribuir com a superação das desigualdades e discriminações mais latentes e estruturais do Brasil. Optar por um currículo descolonizado favorece a formação humanista e cidadã com mais diversidade epistemológica. Isso tem ganhado mais espaço nas ciências humanas e sociais (Gomes, 2012 e 2023). Esse foi o princípio metodológico utilizado.

Para criar esse espaço de discussão e conscientização, os professores de história, filosofia, sociologia, arte (dança e teatro) do Departamento de Humanas e Sociais do IFMA, integrante do projeto “Sábado com Humanas”, reuniam-se com seus alunos e alunas, dos cursos técnicos profissionalizantes de nível médio, no auditório do IFMA Campus São Luís Monte Castelo.

Os professores e as professoras envolvidos pesquisavam, planejavam diversas formas de atividades com as quais abordavam o tema em questão a partir dos seus respectivos componentes curriculares e depois de forma interdisciplinar desenvolviam painéis, exibição de vídeos, filmes, músicas, mesas de debates, oficinas onde os/as professores/as e ou convidados/as falavam sobre o tema e depois os alunos/as debatiam, encenavam, desenvolviam ou produziam alguma arte sobre o seu entendimento.

A partir da produção dos alunos e alunas avaliávamos a sua compreensão das leituras e atividades propostas. O resultado das atividades integradas era percebido com a motivação, a renovação dos ânimos e a participação depois da rotina de segundas às sextas-feiras das aulas trabalhadas separadamente entre todas as disciplinas da grade curricular dos alunos/as.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Conforme Bárbara Carine Pinheiro, as práticas antirracistas são aquelas que denunciam o racismo, “[...] o racismo é um problema social criado pelo ocidente com o intuito de diferenciar, hierarquizar e dominar pessoas. Nesse sentido, trata-se de uma problemática de agência ocidental e o seu reverso, o antirracismo, também.” (Pinheiro, 2023, p. 62).

Nos termos colocado por Bárbara Pinheiro (2023), entendo o racismo como uma construção da dominação colonial e das teorias europeias de “superioridade racial”, o evolucionismo social do Século XIX. Assim, partilho da ideia da necessidade de denunciar e desconstruir para combater as práticas racistas resultantes desse processo. De acordo com este posicionamento político, escolhi trabalhar, juntamente com a professora de teatro, a epígrafe do texto “Racismo e sexismo na cultura brasileira” de Lélia Gonzalez, com uma turma do primeiro ano de um curso profissionalizante do IFMA, Monte Castelo. No texto, a autora utiliza de forma irônica termos racistas para denunciar a forma como as pessoas brancas pensam as pessoas negras e criticar as teorias clássicas do pensamento social brasileiro produzidas sem a participação de pessoas negras, “negócio de livro sobre a gente.” (Gonzalez, 2020, p.75).

Assim a epígrafe se desenvolve até o momento em que “[...] a neguinha que tava sentada com a gente deu uma de atrevida [...] Se não tivesse dado com a língua nos dentes... Agora tá queimada entre os brancos”. (Gonzalez, 2020, p.75). Esse trecho, representa a postura questionadora de Gonzalez, “a negrinha”, que é discriminada, mas critica a produção do pensamento eurocentrado e reclamar seu lugar, enquanto mulher negra, na produção do conhecimento acadêmico.

Ao empregar um texto com metáforas para ilustrar a situação do racismo no Brasil, a autora foi bem-sucedida porque utilizou uma linguagem acessível e em poucas linhas denunciou estereótipos racistas e buscou desmistificar o mito da “democracia racial brasileira” ao questionar os processos que teriam determinado sua construção, aceitação e o quê tal mito oculta, para na sequência do texto, explicar como tais práticas existem no nosso país.

A autora ainda argumenta que as pessoas negras são o que a lógica da dominação tenta domesticar e que é preciso considerar que “o lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo [...] e que a

articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular.” (Gonzalez, 2020, p.76). Para Gonzalez, essa articulação, até então, não era oferecida pelas análises vigentes que apenas falavam da mulher negra sob uma perspectiva socioeconômica, logo oferecia uma análise incompleta. Por isso, era preciso que as mulheres pensadoras da sua época assumissem a autoria de suas próprias produções para, a partir do seu lugar, compreender o racismo e suas intersecções para quebrar com as repetições dos modelos oferecidos.

Esse texto da Lélia permitiu que dividíssemos a turma de acordo com as personagens da epígrafe para a encenação, a outra parte da turma trabalhava nos bastidores ajudando os colegas-atores. Assim, de forma lúdica os alunos se mostraram incomodados com a linguagem discriminatória e aprenderam conceitos como “estereótipos racistas”, dupla discriminação (racista e sexista) e “mito da democracia racial”, como verificaram que mulheres, também, produziram um pensamento crítico às discriminações sofridas, como também reclamaram o seu lugar e voz como produtora de conhecimento.

Já com a turma do segundo ano, trabalhamos com a leitura do livro “Quarto de despejo: diário de uma favelada” de Carolina Maria de Jesus. Após a leitura discutíamos sobre o livro e os alunos e alunas prepararam pequenas falas para transmitir aos colegas, no dia da atividade integrada, a sua compreensão sobre o livro. Uma das surpresas mais destacadas com a leitura do livro foi sobre a linguagem simples e com erros de grafia culta da língua portuguesa e, mesmo com essa condição, a autora conseguia transmitir uma crítica da situação dos migrantes moradores de uma favela da cidade de São Paulo. Os alunos/as apontavam, por meio da leitura, como era as condições da pouca infraestrutura, do saneamento básico, da educação e da saúde na favela da época, como também a autora expunha o grave problema das dificuldades econômicas e da fome: “o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida” (Jesus, 2015, p. 19). “Eu não tinha um tostão para comprar pão. Avisei as crianças que não tinha pão. Que tomassem café simples e comesse carne com farinha” (Jesus, 2015, p. 19). O aprendizado foi sobre a falta de políticas públicas em uma favela do final da década de 1950 e início de 1960, as precárias condições sociais da mulher negras que vivia nesse contexto e a sua luta solo para criar seus três filhos e, mesmo diante dessas condições adversas, ela escreveu de forma crítica e denúncia sobre seu cotidiano.

Sobre a escritora maranhense, Maria Firmina dos Reis, pedimos que os alunos e alunas pesquisassem sobre a sua trajetória de vida e produzissem pequenos vídeos para expor aos demais colegas. Durante a pesquisa, descobriram o seu livro mais comentado da autora, Ursula, em 1859, que a autora escreveu um romance abolicionista, que foi homenageada na FLIP 2022. O trata do romance entre a jovem Úrsula e o jovem Tancredo, mas que tinha dois personagens escravizados, o Túlio e a Susana. Principalmente, Susana denuncia os maus tratos da escravização de pessoas traficadas da África. Outro aspecto interessante, destacado nos vídeos produzidos foi o prólogo da autora em Ursula no qual a autora relata "pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e conversação dos homens ilustrados." Os alunos perceberam que por trás dessa declaração modéstia, a escritora revelou sua condição social marcada pelo machismo, visto que as obras famosas do período era escrita por homens que estudavam na Europa, dominavam outros idiomas e Firmina, sem nada disso, escreveu uma obra crítica, de grande valor para os dias de hoje, pois uma mulher daquele período já denunciava as injustiças da sociedade brasileira.

Por fim, com o pensamento de Beatriz Nascimento, mulher negra, historiadora, trabalhamos o documentário Ôrí, elaborado durante 11 anos, entre os anos de 1977 e 1988 e narrado por esta autora. A intenção de exibir o filme foi trabalhar como os afrodescendentes construíram seus espaços neste país, espaços preenchidos por seus rituais religiosos, culturas e conhecimento advindo dos seus antepassados. O filme também ajuda a perceber os movimentos sociais dos negros brasileiros, os bailes, as escolas de sambas, analisados por Nascimento como quilombos contemporâneos. Ou seja, um pensamento produzido por uma mulher negra.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Trabalhar com os exemplos de vida e de produção das autoras citadas foi muito oportuno para desconstruir prenoções da situação de subalternidade de gênero, classe, raça/etnia e intelectual das mulheres negras.

Concordamos com Pinheiro (2023) de a escola é um complexo social influenciado pelos sistemas de opressão de classe, gênero e raça/etnia, logo é um espaço fundamental no processo de transformação da realidade social, uma vez que forma pessoas que vão ajudar a forma outras instâncias sociais, por isso ela precisa ser uma aliada no enfrentamento a essas opressões. Daí a importância de uma educação não apenas

antirracista, mas que intersecciona os demais marcadores das desigualdades para mostrar que são injustos e que temos exemplos de mulheres que lutaram e produziram conhecimentos para superá-los. Esse é o papel histórico da escola, ajudar a letrar as pessoas para esse combate. A apresentar outros pensamentos, outras vozes, ajuda a ressignificar as noções de humanidade, conhecimento, inteligência e outros. Essa foi a nossa intenção de contribuir com o artigo aqui exposto.

## REFERÊNCIAS

GOMES, Nilma Lino. Descolonizar o conhecimento para incluir saberes indígenas e negros. **Revista Educação**. Edição 292, 2023. Disponível em: <<https://revistaeducacao.com.br/2023/04/03/nilma-lino-gomes/>>. Acesso em 10 fev.2024.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem Fronteiras**. v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbnmnnibpcajpcglcfindmkaj/http://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss1articles/gomes.pdf>. Acesso em 09 fev.2024.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e Sexismo na cultura brasileira. In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (org.). **Por um feminismo afro-latino-americano ensaios: intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo: diário de uma favela. São Paulo: editora ática, 2015.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**. [livro eletrônico]. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

REIS, Maria Firmina dos. **Ursula**. Editora PUC Minas: 1ª edição, 2018.